

190

1011

Diana Cabral de Holanda

Indígena cearense viaja a Genebra

Ela nasceu no dia 31 de dezembro de 1947. A imediata associação entre seu nascimento e a data que marca o final do ano fez com que seus pais não pensassem muito e passassem a chamá-la por Diana. Assim começa a história de Diana Cabral de Holanda, 47 anos, índia da tribo Tremembé, localizada no município de Almolafala.

**GENTE
GENTE
GENTE
GENTE**

Pois essa índia de poucas palavras e jeito tímido, quem diria, representará o Brasil, juntamente com outros dois líderes indígenas do país, no 13º Encontro Mundial de Povos Indígenas, organizado pela ONU, que começou ontem e vai até dia 28, em Genebra. Essa é a primeira vez que um cearense participará do evento.

A expectativa de Diana quanto ao encontro é grande pelo que possa significar em termos de retorno para seu povo. Sobre Genebra, considerada uma das cidades mais desenvolvidas do mundo, ela diz não saber muita coisa, talvez por isso demonstre tanta tranquilidade em relação à viagem. É esperada a participação de 700 representantes indígenas no encontro que reunirá tribos de todo o mundo.

LIDERANÇA

O motivo maior da escolha de Diana pela ONU para representar o Brasil se deu em virtude de sua liderança, já que somente três passagens foram oferecidas pela organização para nosso país. Liderança esta que teve início em 1982, conta ela, quando através do padre Albani Linhares, teve o primeiro contato com o evangelho.

Pouco antes desse período, em 1979, uma das empresas que



Arônio Carlos Vieira

Diana nasceu no dia 31 de dezembro de 1947 e pertence à tribo Tremembé. Uma liderança consciente

briga na Justiça até hoje pela terra reivindicada pelos Tremembés, e já demarcada pelo Governo Federal, cerca de 4.900 hectares, conta Diana, "iniciou o processo de invasão dessas terras, plantando coqueiros, expulsando as famílias indígenas e destruindo plantações".

A necessidade de defender a terra de seu povo fez com que a liderança emergente tomasse a frente nas decisões, e com base na interpretação do Evangelho, foi arremetendo força junto aos Tremembés. Diana explica, "a nossa luta surgiu por conta da situação de conflito". Essa luta não foi em vão. Em 1985 os Tremembés fundam o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itarema, que até hoje tem a comandá-lo um índio Tremembé. Quase no mesmo período, o Partido dos Trabalhadores é fundado na localidade, também com a participação dos Tremembés.

APRENDER

A importância de Diana nessa luta foi primordial, seja através das "celebrações", que são eventos onde se discute desde o Evangelho até ações mais organizadas, bem como através da união do povo, já que esse é também um dos problemas enfrentados pelos Tremembés. "Somos 500 famílias e cerca de 3.600 moradores, mas muitos deles não entendem nossa luta e passam para o lado dos que querem tomar nossa terra", diz.

Essas ações fizeram com que a visão da líder fosse ampliada. Diana não sabe ler nem escrever, mas considera-se uma pessoa feliz porque "tenho uma capacidade de aprender através da observação", afirma. Essa "capacidade" já levou a representante Tremembé, mesmo sem sair do Estado, a manter contato com várias delegações estrangeiras ligadas ao problema indígena.

A força proporcionada por esses encontros é um dos trunfos de que dispõe a Tremembé para enfrentar a fria e distante Genebra, praticamente sozinha. "No começo eu tive medo por que não conheço o povo de lá, mas depois vi que não podia decepcionar os meus e tenho que enfrentar o que vier pela frente", afirma decidida.

Mesmo sem saber ler, ou escrever, Diana com certeza não será a mesma depois do encontro na Suíça. Ela será uma liderança com mais força ainda e preparada para novos embates que seu povo deverá vir a enfrentar posteriormente. Os Tremembés sabem disso e confiam em sua liderança, uma mulher de quase 50 anos que aparenta pouco mais de 30, e que teve 14 filhos, 10 ainda vivos e 16 netos, mas que tem a juventude de uma adolescente em busca do futuro e da crença na justiça.